

# TESOUROS ANDINOS

*Um hotel-mosteiro com ópera no jantar, um charmoso trem inspirado nos anos 20, um roteiro com curadoria de quem conhece os melhores passeios: visitar Machu Picchu pode ser uma experiência sofisticada e confortável – sem perder a essência aventureira do destino*

## E lá se vão mais de 25 anos...

A sensação de desconforto no vagão lotado de pessoas, de caixas e de mau cheiro era tamanha que, em poucas horas, decidi escalar a janela e alcançar o teto da composição boliviana apelidada de Trem da Morte. Surpresa – lá em cima, também estava cheio de gente. Mas resolvi ficar e cheguei a dormir. Meus sonhos foram interrompidos por policiais correndo no teto do trem em movimento – cena digna de James Bond.

Outros apuros marcaram a jornada até Machu Picchu, no Peru; como quando me separei dos amigos de colégio que me acompanhavam em plena Trilha Inca só para buscar, sozinho, um canivete (herança de meu avô), perdido no caminho horas antes. Anoteceu, baixou uma forte cerração, comecei a ter câimbras na perna, acabou a pilha da lanterna, me perdi, fiquei desesperado, berrei e fui salvo por um índio que me levou a cavalo até o ponto onde estava

a barraca da minha turma (voltei sem o canivete, claro).

Eu tinha 18 anos, era a primeira vez que viajava para o exterior. Agora, aos 44, retorno – sem a menor disposição para roubadas –, feliz da vida em visitar uma trinca de destinos dos mais espetaculares na Terra: Cuzco, Machu Picchu e Valle Sagrado. Viagem obrigatória na América Latina: ruínas em ótimo estado de conservação, natureza exuberante, gastronomia reconhecida mundialmente e uma sofisticada rede hoteleira. Sobre as próximas páginas, um alerta: nada do que está escrito vai traduzir exatamente o impacto que se tem ao passar a roleta de entrada do parque, dar algumas dezenas de passos e logo deparar com Machu Picchu aboletado entre montanhas abruptas. É muito chocante – e não adianta se preparar.

## Cuzco: de tirar o fôlego

Ninguém tem o codinome “umbigo do mundo” à toa. Cuzco (Qosq’o, no idioma quéchua) foi a ponta do compasso do império inca e caiu em mãos espanholas em 1533. A principal expansão do território inca aconteceu no reinado de Pachacuti (1438-1471): do sul da Colômbia ao norte do Chile e da Argentina. Uma civilização de 15 milhões de habitantes que se esfarelou diante dos europeus. Os conquistadores colocaram abaixo os templos nativos e usaram o terreno para erguer seus palácios. Patrimônio da Humanidade da Unesco desde 1983, Cuzco preservou esses prédios seculares. É difícil fugir do clichê de iniciar o mergulho na cidade flinando pela Plaza de Armas.

Antes de sair batendo perna, lembre-se de que está a 3.326 metros de altitude e seu corpo precisa se adaptar à falta de oxigênio. Após uma xícara de chá de coca, invista horas admirando uma sequência formidável de fachadas: a igreja Jesus Maria (1733), a Catedral (iniciada em 1559, demorou quase cem anos para ficar pronta), a igreja Del Triunfo (1536, a mais antiga da cidade) e a igreja De La Compañia de Jesus (construída em 1571 sobre o palácio de Huayana Capac e reconstruída após o terremoto de 1650). O passeio a pé deve contemplar ainda a maior relíquia dos tempos incas: Qoricancha, que tem muros originais do templo mais rico do antigo império (na época, com paredes cobertas de ouro), e também é endereço da igreja de Santo Domingo. Nos arredores de Cuzco, quatro ruínas merecem uma visita acompanhada de guia: Saqsaywamán, lugar gigantesco com três patamares de pedra (algumas

maiores que as de Machu Picchu); Q’enqo, usado para rituais de sacrifício; Pukapukara, uma fortaleza de controle do vale; e Tambomachay, fontes de água natural que funcionam até hoje.

Caso deseje uma atmosfera quase onírica para sua hospedagem em Cuzco, anote: Belmond Hotel Monasterio, um mosteiro de 1592, com um jardim interno que conserva um cedro de 330 anos. Um dos hotéis mais clássicos da América Latina, com cerca de cem pinturas originais dos séculos 17 e 18 espalhadas por cinco pisos e quatro pátios. O café da manhã tem violão e voz ao vivo no restaurante Illary (“amanhecer”, em quéchua); já o jantar no restaurante El Tupay (“lugar de encontro”) tem ópera, com uma soprano e um tenor. Emoção pouca é bobagem.

SEU CORPO  
PRECISA SE  
ADAPTAR  
À FALTA DE  
OXIGÊNIO:  
CUZCO ESTÁ  
A 3.326  
METROS



## Hiram Bingham: festa em trem panorâmico

Até meu bloco de anotação percebe como me transformo ao entrar em um trem. Fico um pouco mais sério, quieto, seco – de tão feliz. Começo assim o relato de 5 de abril de 2017: “Quarta, os grandes dias são sempre quarta. Dia de ir para Machu Picchu. 9h40. O Belmond Hiram Bingham começa a se mover e eu estou louco. Que trem lindo”. Ambientada nos anos 20, a composição de locomotiva norte-americana e vagões de Cingapura sai tinindo de Poroy (a 18 quilômetros de Cuzco) e leva 3h50 – a uma velocidade máxima de 35 km/h – para vencer os 58 quilômetros até a estação Machu Picchu, em Águas Calientes. São dois vagões-

restaurantes, um vagão para a cozinha, um para o bar (pisco sour de primeira) e outro panorâmico, com janelas no teto e traseira aberta. Em uma palavra: espetacular. Paralelo aos trilhos, o rio Urubamba corta campos de milho, quinoa, batata. Caudaloso, ele serpenteia como se levasse pelas mãos o turista até um dos destinos mais desejados do mundo.

“Fiz questão de pegar esse trem quando preparei o roteiro da viagem”, diz o ator norte-americano Chris Williams, 49 anos. “A paisagem, o serviço e a comida são excelentes.” A ansiedade de Chris e da namorada de chegarem a Machu Picchu é evidente: sabem que será o ápice da via-

gem ao Peru. “Quero conhecer cem países até morrer. O Peru é meu 44º, o próximo será a Bolívia.” Os cinco favoritos do viajante até agora são Itália, Brasil, África do Sul, Fiji e Nova Zelândia.

Uma unanimidade entre os passageiros é o trio musical Sabor e Sentimento, que incendiou o vagão panorâmico com solos de guitarra em sucessos como “I shot the sheriff”, de Bob Marley, e “Sweet child of mine”, do Guns N’ Roses. Bons drinks, boa música e os passageiros cantando a plenos pulmões como se estivessem em um grande show. Com o Hiram Bingham, chega-se às celebradas ruínas incas da melhor forma: em clima de festa.



NO SENTIDO HORÁRIO, AS JANELAS PANORÂMICAS, A MÚSICA AO VIVO E AS LINHAS ELEGANTES DO TREM BELMOND HIRAM BINGHAM: CONFORTO NOS MOMENTOS QUE PRECEDEM A CHEGADA A MACHU PICCHU



## Machu Picchu: montanha de mistérios

O som das gotas batendo no capuz da capa de chuva não esfria a expectativa de ingressar em uma das Sete Maravilhas do Mundo. Logo nos primeiros metros já se tem uma noção de que a beleza de Machu Picchu (“velha montanha”) não está apenas nele, mas na localização, a 2.400 metros de altitude. Lugar estratégico para deixar muito bem protegida a população, de cerca de mil habitantes; e que não durou cem anos, tendo início por volta de 1440. Mais de 170 construções foram capazes de resistir aos abalos sísmicos da região. Tesouro escondido até 24 de julho de 1911, quando o arqueólogo norte-americano Hiram Bingham, em

expedição da National Geographic e da Universidade de Yale, alcançou as ruínas com as indicações do agricultor local Melchor Arteaga. Desde então, Machu Picchu levanta diversas polêmicas e teorias. Por que um local de cultos, astronomia e refúgio do imperador foi abandonado antes mesmo de ficar pronto? Como foi a construção? Como não foi descoberto pelos espanhóis?

Enquanto dúvidas pairam no ar, conforme a tarde cai, Machu Picchu se espreguiça na luz mais bonita do dia. “Por mais que já tivesse visto milhões de fotos, isso aqui é muito mais do que podia imaginar... Ainda existe

um isolamento, um clima de mistério, de cidade perdida”, diz a engenheira química Raquel Nunes, 26. Ela está em um dos platôs adiante do Posto de Vigilância, que fica subindo as escadarias à esquerda, no setor agrícola. Para aproveitar até o último minuto de parque, às 17h30, e chegar logo que ele abre, às 6 horas, só há uma forma: se hospedar no Belmond Sanctuary Lodge, vizinho à entrada (os outros turistas encaram filas e meia hora de ônibus até Águas Calientes). Os quartos deluxe no terraço são excelentes; palmas também ao cardápio do restaurante Tampu, talvez o melhor jantar nas sete noites de viagem.

## Valle Sagrado com o jeito *explora* de ser

“Resolvi vir para o *explora* do Valle Sagrado depois de conhecer o conceito do hotel no deserto do Atacama”, explica o executivo Eduardo Junqueira, 40 anos, sobre a rede chilena que conta com unidades em Torres del Paine e Ilha de Páscoa – a operação peruana acontece há um ano. “Participar de roteiros que te deixam fora do hotel o dia inteiro, chegar caminhando a grandes atrações por percursos exclusivos e voltar para comer bem e descansar com bastante conforto”, continua Eduardo sobre o hotel, que apresenta um cardápio de mais de 20 explorações (a pé, de bici-

cleta e van) e não oferece wi-fi, nem TV no quarto.

Abastecido pelo rio Urubamba, o Valle Sagrado, repleto de ruínas seculares, fica 15 quilômetros ao norte de Cuzco. Em nosso primeiro dia, começamos visitando uma comunidade de 15 tecelãs que mostram como produzem os fios de alpaca e de ovelha. Na sequência, 5,5 quilômetros de trekking suave – com ápice a 3.970 metros e belos visuais do lago Piuray – até Chinchero, que combina construções incas com igreja colonial. À tarde, após conhecer a pacata Maras, outra perna, dessa vez de 6,5 quilô-

metros, até as impressionantes Salinas: a água quente desce da montanha e abastece cerca de 4 mil piscinas que, com um processo de evaporação, produzem cada uma mais de 100 quilos de sal por mês – é daqui que vem o sal de Gastón Acurio, o principal chef peruano.

Não menos empolgante é o dia seguinte, com caminhadas até Ollantaytambo (com um enorme forte) e Moray (com seus terraços concêntricos). “Foi muito legal o trekking por uma trilha alternativa”, diz a designer de joias Sabrina Junqueira, 39. “A perfeição dos círculos é surpreendente.”



NESTA PÁGINA: O *EXPLORA* DO VALLE SAGRADO, INAUGURADO HÁ UM ANO; UMA TECELÃ LOCAL CARREGA A FILHA PEQUENA; AS SALINAS DA REGIÃO: MAIS DE 4 MIL PISCINAS DE SAL. NA OUTRA PÁGINA, OS TERRAÇOS CONCÊNTRICOS DE MORAY



## Trekking radical e despedida em Pisac

No cardápio de mais de 20 roteiros do *explora* Valle Sagrado, não resisti ao programa mais casca-grossa: Incañan, oito horas de trekking pesado para vencer 18 quilômetros e atingir, no meio do passeio, 4.611 metros. A brincadeira começa em Pampacorral, uma pequena comunidade a 3.600 metros de altitude. Absolutamente especial caminhar em um lugar tão remoto e vazio.

A segunda subida mais forte recompensa com um mirante para geleiras superiores a 5 mil metros. Depois de uma sequência de lagos, atingimos o abra (passo mais baixo entre três montanhas), em frente à montanha Sawasiray (5.818 metros). O guia Chano (Lucciano Casanova), 26, nos orienta a recolher e colocar pedras sobre um montinho, que ele chama de “apacheta”. O ritual tem três funções: agradecer por termos chegado bem, pedir permissão para passar ao outro vale e solicitar proteção para a descida. “Já fiz esse trekking 15 vezes e é a minha exploração favorita. Para quem gosta de montanha isso aqui é um espetáculo”, diz Chano.

No dia seguinte visitamos as ruínas de Pisac, outra vedete do Valle Sagrado: enormes terraços para agricultura, templos e um morro repleto de tumbas antigas. Antes de seguirmos para o aeroporto, deu tempo para uma boa contemplação, um retrospecto dessa viagem e da primeira que fiz, com 18 anos. Daí, uma certeza: Peru, pode aguardar que, dia desses, nos vemos de novo. Preciso mostrar essas belezas todas para meus moleques, Nicolás e Felipe, antes que eles comecem a viajar com os amigos e saiam correndo no teto de um trem. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO (EXPLORA) MAPA: MAURICIO PIERRO

FAÇA AS MALAS E BOA VIAGEM  
BELMOND: WWW.BELMOND.COM  
EXPLORA: WWW.EXPLORA.COM / 0800 87 83 158  
VIAJA FÁCIL: WWW.VIAJAFACIL.TUR.BR / (11) 3064 0404



### DESTAQUES DO VALLE SAGRADO

Os seis locais para conhecer as ruínas mais interessantes do antigo império inca



- 1. Cuzco:** Ponto de partida para desbravar a região. Plaza de Armas é o coração da cidade. Nos arredores, quatro ruínas valem a visita: Saqsaywamán, Q'enqo, Pukapukara e Tambomachay
- 2. Pisac:** Enormes terraços para agricultura, templos e um morro repleto de tumbas antigas. Chegue cedo para evitar os grupos de Cuzco
- 3. Chinchero:** Construções incas e igreja colonial, um povoado de 2 mil habitantes a 3.762 metros. Pense em um lugar silencioso
- 4. Moray:** O hotel *explora* organiza um trekking que faz o viajante chegar por cima dos incríveis terraços concêntricos. Caminhada inesquecível de fim de tarde
- 5. Ollantaytambo:** As estreitas ruas de pedra estão habitadas desde o século 13. O forte e as ruínas são um dos principais destaques do Valle
- 6. Machu Picchu:** Desde o início de julho não é mais possível comprar ingresso para o dia todo. Agora, escolha entre manhã (6h ao meio-dia) e tarde (meio-dia às 17h30)